

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Saúde discente em uma universidade pública: um estudo no nordeste brasileiro

Student health at a public university: a study in northeastern Brazil

Salud estudiantil en una universidad pública: un estudio en el noreste de Brasil

Camilla Araújo Lopes Vieira¹, Francisco Pablo Huascar Aragão Pinheiro², Carla Ribeiro de Sousa³, Carlos Magno Sérgio Lima⁴, Esthela Sá Cunha⁵, Hellyne Maria Teles Aguiar⁶ & Vírnia Ponte Alcântara⁷

¹ Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* camillapsicol@ufc.br *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-1706-3772>

² Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* pablo.pinheiro@ufc.br *ORCID:* <http://orcid.org/0000-0001-9289-845X>

³ Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* caarlasousa@hotmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-0490-8433>

⁴ Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* carmaseli@hotmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-5944-7312>

⁵ Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* esthelas7@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-4822-0454>

⁶ Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* hellyne.aguiar@gmail.com *ORCID:* <http://orcid.org/0000-0002-0292-8836>

⁷ Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* virniaponte@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-8385-8795>

Informações do Artigo:

Camilla Araújo Lopes
Vieira
camillapsicol@ufc.br

Recebido em: 16/10/2020
Aceito em: 17/03/2021

RESUMO

O ingresso na universidade promove transformações psicossociais na trajetória dos discentes. Este estudo de levantamento analisou a repercussão do ambiente universitário para a saúde dos estudantes (n = 273). O questionário utilizado avaliava a saúde psíquica e física, o uso de substâncias, a automedicação, a percepção do ambiente universitário e variáveis sociodemográficas. Foram realizadas análises bivariadas e de regressão logística binária. Mais de 90% dos participantes informou sentir sintomas psíquicos e físicos. A carga horária excessiva foi preditora de tristeza e ansiedade. O estudo pode subsidiar o desenvolvimento de ações de promoção à saúde dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde; Estudantes Universitários; Ambiente Universitário.

ABSTRACT

University admission promotes psychosocial changes in the trajectory of the students. This survey study analyzed the impact of the university environment on students' health (n = 273). The questionnaire used evaluated psychological and physical health, substance use, self-medication, perception of the university environment and sociodemographic variables. Bivariate and binary logistic regression analyzes were conducted. More than 90% of participants reported experiencing psychological and physical symptoms. Excessive workload was a predictor of sadness and anxiety. The study may support the development of actions to promote students' health.

KEYWORDS:

Health; College Students; College Environment.

RESUMEN

El ingreso a la universidad promueve cambios psicossociales en la trayectoria de los estudiantes. Este estudio de levantamiento de encuesta analizó el impacto del ambiente universitario en la salud de los estudiantes (n = 273). El cuestionario utilizado evaluó la salud psicológica y física, el consumo de sustancias, la automedicación, la percepción del ambiente universitario y las variables sociodemográficas. Se realizaron análisis bivariados y de regresión logística binaria. Más del 90% de los participantes informaron haber experimentado síntomas físicos y psicológicos. La carga horaria excesiva fue un predictor de tristeza y ansiedad. El estudio puede apoyar el desarrollo de acciones para promover la salud de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE:

Salud; Estudiantes Universitarios; Ambiente Universitario.

O ambiente universitário tem despertado maior atenção em decorrência da sua repercussão sobre a saúde dos estudantes (Ariño & Bardagi, 2018). O ingresso na universidade, que, por vezes, coincide com o final da adolescência dos discentes, é marcado por significativas transformações psicossociais, que podem ser definidas como o processo de estabelecimento da identidade e da autonomia, bem como o gerenciamento das emoções e das relações sociais (Osse & Costa, 2011). Desta maneira, os alunos se deparam com mudanças importantes como alterações de rotina, transição de papéis sociais e o estabelecimento de novas redes relacionais marcadas por conflitos, solidão e competitividade (Osse & Costa, 2011; Tanaka, Furlan, Branco, & Valério, 2016). A saúde nessa população pode ser pensada a partir das dimensões psíquica e física, também é relevante atinar para o uso de substâncias e para a prática da automedicação.

No que diz respeito aos transtornos mentais, esses podem influenciar negativamente os resultados acadêmicos dos universitários (Ansolin, Rocha, Santos, & Pozzo, 2015; Flesch, Houvèssou, Munhoz, & Fassa, 2020), afetar o desempenho cognitivo, as relações interpessoais e, num sentido mais abrangente, o futuro e a carreira profissional (Costa & Moreira, 2016). Existe, também, a possibilidade de os transtornos mentais provocarem o aumento dos comportamentos sexuais de risco e do uso abusivo de álcool e outras drogas (Ariño & Bardagi, 2018; Flesch et al., 2020; Vasconcelos et al., 2015).

Estudos empíricos em diferentes universidades brasileiras têm analisado a prevalência de transtornos mentais entre seus estudantes (Fiorotti, Rossoni, Borges, & Miranda, 2010; Flesch et al., 2020; Leão, Gomes, Ferreira, & Cavalcanti, 2018). Foram encontrados índices de depressão de 15,4% a 41,0% entre os graduandos de cursos como Enfermagem, Psicologia, Biomedicina, Educação Física, Farmácia, dentre outros (Barbosa, Asfora, & Moura, 2020; Furegato, Santos, & Silva, 2010; Morais & Mascarenhas, 2010; Mesquita et al., 2016). Tal discrepância entre os índices pode ser atribuída a aspectos como o curso e a região em que o estudo foi feito, as diferenças entre o quantitativo de alunos e alunas e o próprio desenho das investigações, com variações de instrumentos e do período de percepção dos sintomas pelos participantes. O estudo de Flesch et al. (2020), por exemplo, realizado em uma universidade no sul do Brasil, buscou investigar a depressão em discentes, e encontrou uma prevalência de 32% entre os participantes, sendo que a maior incidência foi atestada entre estudantes do sexo feminino. Já a investigação de Furegato et al. (2010), realizada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, observou uma incidência do mesmo transtorno de 28,6% na licenciatura e de 15,4% no bacharelado em Enfermagem. Fatores como o descontentamento com o curso, relacionamento insatisfatório com os colegas (Leão et al., 2018), o tipo de curso a que se está vinculado (Bresolin et al., 2020; Flesch et al., 2020) e o sexo feminino estiveram associados à depressão.

No que diz respeito à ansiedade, foram encontrados índices entre 19,7% e 36,1% (Leão et al., 2018; Vasconcelos et al., 2015). Elementos como relacionamento insatisfatório com colegas e amigos (Leão et al., 2018) e o sexo feminino (Flesch et al., 2020; Leão et al., 2018) estiveram associados a esse quadro. A investigação de Ferreira et al. (2009), realizada com estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do

Norte, observou que a carga horária também pode estar relacionada à ansiedade. Além disso, os universitários da área das ciências biomédicas, cujos cursos possuem cargas horárias mais elevadas, apresentaram maiores índices de ansiedade quando comparados àqueles das ciências humanas e tecnológicas. Ademais, a violência no ambiente acadêmico esteve associada à depressão, ansiedade e burnout (Peres et al., 2014).

Pereira, Ferreira e Paredes (2013), em pesquisa com universitários portugueses, observaram que os sintomas físicos estavam associados ao sexo feminino, ao estilo de vida menos saudável, à ansiedade e à depressão. No Brasil, estudos que investigaram a prevalência de dores de cabeça entre alunos de Medicina evidenciaram associações desse sintoma com estresse, pior qualidade de vida (Lopes, Führer, & Aguiar, 2015) e desempenho acadêmico (Catharino, Catharino, Alvarenga, & Fonseca, 2007).

No tocante ao uso de substâncias, os estudantes universitários compõem um grupo de risco para o consumo de álcool e outras drogas (Assis Trindade, Diniz, & Sá-Júnior, 2018). Estresse, alta carga horária e muitas responsabilidades fazem com que os alunos consumam bebidas alcoólicas como esQUIVA para a rotina cansativa (Gomes et al., 2019).

Estudos revelaram uma prevalência entre 78,1% e 84,7% no consumo do álcool e de 9,1% a 31,2% no consumo de tabaco (Araujo, Vieira, & Mascarenhas, 2018; Silva, Malbergier, Stempliuk, & Andrade, 2006; Souza, Souza, Brandelero, Bacarin, & Hoffmann-Santos, 2018). Outras substâncias usadas pelos estudantes são os hipnóticos/sedativos com predomínio de 8,4% (Araujo et al., 2018). A investigação de Dantas et al. (2017) demonstrou que 56,3% dos estudantes do Campus 1 da Universidade Estadual da Paraíba relataram ter usado drogas lícitas (álcool e tabaco) pelo menos uma vez na vida, enquanto 13,3% afirmaram ter utilizado drogas ilícitas (maconha, cocaína, anfetaminas e outras substâncias). No estudo de Gomes et al. (2019) os resultados indicaram que o consumo de álcool é maior no final do curso e que o gênero masculino estava fortemente associado ao uso de tabaco. Na investigação de Dantas et al. (2017), o gênero masculino se apresentou como preditor do uso de drogas lícitas e ilícitas, juntamente com fatores como ter uma faixa etária mais avançada e não possuir religião. O uso de drogas lícitas, por sua vez, se mostrou associado à situação de moradia (não morar com os pais) e a ser estudante da área da saúde. Possuir uma maior renda mensal

apresentou-se como preditor do consumo de drogas ilícitas.

Outro aspecto importante para a compreensão da saúde dos discentes universitários diz respeito à automedicação, o que pode trazer sérios riscos à saúde como reações adversas com outras substâncias e alimentos, bem como o uso desnecessário de remédios (Tomasini, Ferraes, & Santos, 2015). Vista como uma maneira que promove o alívio imediato de alguns sintomas (Moraes Alessandrini, Paim, & Lunelli, 2020), o estudo de Santos et al. (2018) aponta que essa é uma prática recorrente entre os universitários e que não existe uma preocupação com o uso frequente de medicamentos. Os principais sintomas que levam os estudantes a se automedicarem são: dor de cabeça, manifestações de gripe/resfriado, dor de garganta e febre (Alves & Malafaia, 2014; Iuras, Marques, Garcia, Santiago, & Santana, 2016).

Pesquisas realizadas em diferentes cidades brasileiras têm investigado a prática da automedicação entre estudantes do Ensino Superior. Foram encontrados índices entre 18,0% e 96,9% (Alves & Malafaia, 2014; Coelho, Santos, Carmo, Souza, & França, 2017; Iuras et al., 2016; Montanari et al., 2015; Santos et al., 2018; Tomasini et al., 2015). Montanari et al. (2015), ao fazer um estudo entre acadêmicos das Ciências da Saúde e Humanas, observaram uma prevalência de automedicação de 96,9% entre aqueles e 82,6% entre esses. O estudo de Tomasini et al. (2015) apresentou uma prevalência de 87,4% na automedicação entre estudantes, sendo significativamente mais elevada em mulheres do que em homens. Santos et al. (2018) notaram que apenas o gênero apresentou uma relação significativa quando analisada a associação entre a prática da automedicação e variáveis sociodemográficas, de modo que as mulheres apresentaram maior propensão do que os homens. A maior propensão das mulheres se automedicarem pode estar vinculada à elevada exposição aos medicamentos ao longo de seus ciclos de vida, além de serem atribuídas a elas o papel de cuidadoras da saúde de seus familiares (Carvalho & Barros, 2013).

Em suma, os estudos até aqui apresentados indicaram uma alta prevalência de transtornos mentais como ansiedade e depressão, na população universitária. Também foram observados índices importantes no que diz respeito ao uso de substâncias e à automedicação. Os estudos apontaram que a incidência de tais transtornos e padrões comportamentais estiveram associados a características acadêmicas – como o tipo de

curso e carga horária elevada – e sociodemográficas – como o sexo e a renda. Ademais, a experiência de violência no ambiente universitário pode estar relacionada a quadros de adoecimento nos estudantes. Vê-se, portanto, que o ambiente universitário pode trazer repercussões negativas para a saúde dos discentes, o que pode impactar em seu desempenho acadêmico.

Embora as questões da incidência de transtornos mentais, do uso de substâncias e da prática da automedicação no público universitário tenha sido tratada de forma ampla na literatura, a maioria das investigações se concentram em pesquisar acadêmicos da área da saúde, o que pode ser explicado pelo fato de os estudos serem realizados por pesquisadores desse campo, o que torna os discentes da própria área o público mais visibilizado. Por outro lado, a própria formação em saúde e seu objeto de trabalho reverberam no interesse em tratar desse tema. Além disso, a relação dessas variáveis com questões do ambiente universitário, como a infraestrutura dos campi, as relações entre pares e entre alunos e professores, principalmente no que concerne à violência, ainda são inexploradas. Também permanecem pouco estudadas as variáveis que versam sobre o surgimento de sintomas físicos, tendo em vista questões relacionadas à vivência acadêmica. Por fim, observa-se a escassez de estudos sobre a saúde de universitários de campi do interior.

Considerando as limitações apresentadas acima, o objetivo deste estudo é analisar a repercussão do ambiente universitário para a saúde discente, levando em consideração aspectos sociodemográficos. As dimensões da saúde analisadas foram a presença de sintomas psíquicos (tristeza e nervosismo ou ansiedade), de sintomas físicos (dores de cabeça e barriga e tonturas) – que podem indicar a incidência de transtornos mentais –, o uso de substâncias e a prática da automedicação. Tais dimensões podem comprometer o desempenho acadêmico e impactar na evasão escolar. Foram considerados os seguintes elementos do ambiente universitário: instalações, relação com o curso e relacionamento entre pares e entre alunos e professores. O estudo pode favorecer o desenvolvimento de intervenções e a elaboração de estratégias que contribuam com a promoção da saúde dos estudantes, além de ajudar a melhorar aspectos contextuais que possam favorecer o desempenho acadêmico dos alunos.

O Campus onde o estudo foi realizado é localizado em uma cidade do interior do Nordeste e surgiu a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Na ocasião da realização do estudo, possuía 2.297 alunos matriculados, distribuídos em oito cursos de graduação; quatro programas de mestrado acadêmico com 162 estudantes; um programa de mestrado profissional com 12 alunos; 224 professores ativos; 23 docentes substitutos e 70 servidores técnico-administrativos. Os cursos de graduação adotavam o sistema de cotas, de modo que havia um contingente de alunos atendidos por esse sistema, como aqueles oriundos de escolas públicas. Discentes de diversas cidades da região ingressavam nos cursos de graduação e pós-graduação ofertados, o que transformou o contexto local, de forma que o município passou a ser considerado uma cidade universitária.

Método

Participantes

A amostra não-probabilística foi composta por 273 alunos. A maioria dos participantes eram homens (51,3%). A idade dos participantes variou de 17 a 44 anos ($M^8 = 22,45$; $DP^9 = 4,56$; $Md^{10} = 21,00$). A renda familiar média foi de R\$ 2.824,79 ($DP = 3.168,41$, $Md = 1800$). A maioria dos discentes (56,0%) estava matriculada em cursos da área de Ciências Humanas, 23,4% eram da área de Ciências Exatas e 20,5% frequentavam cursos na área de Saúde. Com relação à modalidade de ingresso, 49,5% ingressaram na universidade por ampla concorrência no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), 42,9% pelo sistema de cotas do ENEM e os demais (7,7%) adentraram por outros meios, como convênios ou transferências. Quase um terço dos estudantes (28,9%) declarou receber alguma bolsa ou auxílio da universidade ou do governo municipal.

⁸ M = Média

⁹ DP = Desvio padrão

¹⁰ MD = Mediana

Tabela 1

Variáveis sociodemográficas (n=273)

Variáveis	n (%)		
Sexo			
Feminino	133 (48,7)		
Masculino	140 (51,3)		
Curso			
Ciências Humanas	153 (56,0)		
Ciências Exatas	64 (23,4)		
Ciências da Saúde	56 (20,5)		
Modalidade de ingresso			
Ampla concorrência	135 (49,5)		
Cotas	117 (42,9)		
Outros (p. ex.: Transferência e convênio)	21 (7,7)		
Bolsa			
Sim	79 (28,9)		
Não	194 (71,1)		
	Média	Desvio Padrão	Mediana
Idade	22,45	4,56	21,00
Renda Familiar	2.824,79	3.168,41	1.800,00

Instrumentos

Os itens do questionário utilizado nesta investigação foram elaborados a partir dos debates ocorridos em grupos focais dos quais participaram oito estudantes. Tais grupos ocorreram em 4 encontros e tiveram, em média, 1 hora e meia de duração. Na ocasião, discutiram-se várias dimensões da experiência universitária a partir das seguintes perguntas norteadoras: (a) “O que caracteriza a vivência acadêmica?”, (b) “Quais fatores específicos da vida acadêmica causam dor e sofrimento nos estudantes?” e (c) “Quais as formas de

enfrentamento vocês encontram para esse sofrimento e que caminhos possíveis podemos pensar para ele?”. No instrumento que resultou de tais discussões, todas as assertivas eram avaliadas por meio de uma escala dicotômica simples que continha “sim” ou “não” como opções de resposta em relação a um conjunto de afirmações relacionadas à saúde e a uma série de itens pertinentes ao ambiente universitário.

No que diz respeito à saúde, questionou-se sobre a presença de sintomas físicos e psicológicos acerca do uso de substâncias e da prática de automedicação (p. ex.: nos últimos 6 meses, já fiz ou faço uso de álcool, tabaco ou drogas ilícitas). Em relação ao ambiente universitário, indagou-se sobre a avaliação das instalações do campus, do curso de graduação, da relação com outros estudantes e com docentes (p. ex.: considero a carga horária do meu curso excessiva). Por fim, os participantes eram indagados sobre os seguintes dados socioeconômicos: gênero, idade, renda familiar, forma de ingresso na instituição (cotas, ampla concorrência e outros meios), curso e recebimento de bolsa ou auxílio financeiro.

Procedimentos

Coleta de dados.

Os dados foram obtidos através de instrumento autoaplicável, enviado aos participantes por meio eletrônico, no qual constavam informações sobre os objetivos da investigação, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aos participantes era demandado que lessem o TCLE e, somente após a concordância com a participação voluntária, eram direcionados ao questionário propriamente dito. A aplicação dos questionários ocorreu no ano de 2019 entre os meses de abril e maio. Ao longo desse período, foram promovidas campanhas de divulgação entre alunos, professores e coordenadores de curso através das secretarias da universidade, nas quais eram explicadas as intenções da pesquisa; pedia-se a colaboração com o estudo e colocavam os pesquisadores à disposição para o esclarecimento de dúvidas sobre a investigação. Especificamente em relação aos professores e aos coordenadores, solicitava-se que estimulassem a participação dos alunos no estudo.

Análise de dados.

Por meio da distribuição de frequências, foram mensuradas as prevalências das variáveis relativas à saúde e procedeu-se de forma análoga para dimensionar a avaliação do ambiente universitário. Foram realizadas, ainda, análises bivariadas para investigar as possíveis relações das variáveis socioeconômicas e de percepção do ambiente universitário com aquelas relacionadas à saúde. Para tanto, fez-se uso do teste Qui-quadrado (χ^2) de independência 2x2 e foi calculada a razão de chance (*odds ratio*). Tal teste verifica se duas variáveis categóricas com dois níveis são estatisticamente associadas ou independentes entre si (ex.: a associação entre sentimentos de tristeza [sim/não] e carga horária excessiva [sim/não]) (Agresti, 2018). O cálculo da razão de chance informou a probabilidade de os estudantes reportarem os sintomas e comportamentos tendo em vista variáveis sociodemográficas e de avaliação do ambiente universitário, que também estavam dispostas de forma dicotômica. Quando não era possível utilizar o teste Qui-quadrado para este fim, foram realizadas análises de regressão logística binária para avaliar a relação entre as dimensões da saúde e as variáveis independentes com mais de dois níveis (ex.: tipo de curso).

Por fim, foram feitas análises multivariadas por meio da regressão logística binária. Tal análise se aplica às variáveis dependentes dicotômicas (Agresti, 2018), tal como eram aquelas relacionadas à saúde. Dessa forma, determinou-se como as variáveis independentes (renda, gênero, carga horária e sentir-se humilhado por professores) estavam associadas às variáveis de desfecho. Nesse caso, somente as associações que atingiram significância $p \leq 0,05$ nas análises bivariadas foram mantidas para a construção dos modelos finais. Assim, foram utilizadas como categorias de referências os grupos masculinos, ter renda acima de R\$ 1.800,00, não possuir carga horária excessiva e não se sentir humilhado pelos professores.

Considerações éticas.

O projeto foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú e autorizado sob o número CAAE 10733019.4.0000.5053, segundo todas as diretrizes e normas regulamentadoras descritas na resolução CNS 510/2016.

Resultados

Entre os estudantes que participaram da pesquisa, mais de 90% indicaram ter sentido tristeza, nervosismo ou ansiedade e sintomas físicos. Ademais, 30% informaram fazer uso de substâncias e 56,8% reportaram automedicação.

Tabela 2

Prevalência das Dimensões da Saúde (n=273)

Saúde	n (%) Sim
Tristeza	261(95,6)
Nervosismo ou ansiedade	265 (97,1)
Sintomas físicos (dores de cabeça, tontura etc.)	251 (91,9)
Uso de substâncias	82 (30)
Automedicação	155 (56,8)

Observou-se, também, que o espaço de convivência, o refeitório e a estrutura física foram avaliados como inadequados por quase um quarto dos participantes. Por sua vez, 91,2% dos discentes entenderam a carga horária como excessiva, 8,1% avaliaram o currículo como impróprio e 2,2% mostraram insatisfação com o curso. Quando se observa a relação com os colegas, 46,2% dos estudantes disseram ter sido humilhados ou constrangidos por outros alunos, 29,3% sofreram agressões verbais e 20,5% agressões físicas vindas de discentes. Mais da metade dos respondentes disse ter sido humilhado ou constrangido por docentes, 21,2% sofreram agressões verbais, 13,6% assédio sexual e 7% agressões físicas oriundas de professores.

Tabela 3

Avaliação do Ambiente Universitário (n=273)

Ambiente universitário	N (%) Sim
Instalações	
Estrutura física inadequada	65 (23,8)
Espaços de convivência inadequados	65 (24,5)
Refeitório Universitário inadequado	60 (23,9)
Curso	
Insatisfação	6 (2,2)
Carga horária excessiva	249 (91,2)
Currículo inadequado	22 (8,1)
Alunos	
Humilhação ou constrangimento	126 (46,2)
Agressão física	56 (20,5)
Agressão verbal	80 (29,3)
Professores	
Humilhação ou constrangimento	145 (53,1)
Agressão física	19 (7,0)
Agressão verbal	58 (21,2)
Assédio sexual	37 (13,6)

Nas análises bivariadas, observou-se que a tristeza apresentou associação com renda, carga horária excessiva, ter sido humilhado por colegas e por professores. Já o nervosismo ou ansiedade mostrou-se relacionado com carga horária excessiva e com ter sido humilhado por colegas. No que diz respeito aos sintomas físicos, as variáveis gênero, ter sido humilhado e agredido verbalmente por colegas, além de ter sido humilhado por docentes mostraram-se associadas.

Tabela 4

Análises Bivariadas (n = 273)

			OR	IC 95%
Tristeza	Renda familiar (acima de 1800 R\$)	até R\$ 1.800,00	4,37*	[0,91; 20,97]
	Carga horária excessiva (não)	Sim	6,03**	[1,67; 21,76]
	Humilhado por colegas (não)	Sim	10,11**	[1,29; 79,44]
	Humilhado por professores (não)	Sim	3,58*	[0,95; 13,52]
Nervosismo ou ansiedade	Carga horária excessiva (não)	Sim	6,97**	[1,56; 31,22]
	Humilhado por colega (não)	Sim	6,25**	[0,76; 51,51]
Sintomas físicos	Gênero (Masculino)	Feminino	3,58*	[1,28; 9,97]
	Humilhado por colega (não)	Sim	4,26**	[1,40; 12,93]
	Agredido verbalmente por colega (não)	Sim	4,51*	[1,03; 19,77]
	Humilhado por professores (não)	Sim	2,62*	[1,03; 6,64]

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Em relação ao uso de substâncias, houve associações com ter sido humilhado, bem como ter sido assediado sexualmente por professores. A automedicação mostrou-se relacionada ao gênero, bolsa ou auxílio financeiro, além de ter sido humilhado, sofrer agressão física e verbal por parte dos colegas, bem como, ter sofrido humilhação, agressões física e verbal e ter sido assediado sexualmente por professores.

Tabela 5

Análises Bivariadas (n = 273)

			OR	IC 95%
Uso de substâncias	Humilhado por professores (não)	Sim	2,29*	[1,33; 3,92]
	Assediado sexualmente por professores	Sim	2,55**	[1,25; 5,15]
Automedicação	Gênero (Masculino)	Feminino	1,75*	[1,07; 2,84]
	Bolsa (Sim)	Não	1,70*	[0,98; 2,93]
	Humilhado por colegas (não)	Sim	3,37***	[2,03; 5,60]
	Agredido fisicamente por colega (não)	Sim	3,98***	[1,96; 8,10]
	Agredido verbalmente por colega (não)	Sim	4,07***	[2,22; 7,45]
	Humilhado por professores (não)	Sim	3,15***	[1,91; 5,18]
	Agredido fisicamente por professores (não)	Sim	3,05*	[0,99; 9,46]
	Agredido verbalmente por professores (não)	Sim	2,64**	[1,38; 5,03]
	Assediado sexualmente por professores (não)	Sim	4,67**	[1,87; 11,60]

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

O modelo final da regressão logística binária mostrou que tristeza e sentir-se nervoso ou ansioso se mantiveram relacionados à carga horária excessiva. Os estudantes que consideraram elevado o tempo dedicado à universidade eram mais inclinados a sentir tais sintomas. Além disso, a tristeza associou-se com a renda. Os discentes com renda inferior a R\$ 1.800,00 reais eram mais propensos a se sentirem tristes.

Tabela 6

Análises Multivariadas: Regressão Logística (n = 273)

			OR	IC 95%
Tristeza	Renda familiar (acima de R\$ 1.800,00)	até R\$ 1.800,00	6,36*	[1,18; 34,44]
	Carga horária excessiva (Não)	Sim	5,92*	[1,13; 30,87]
Nervosismo ou ansiedade	Carga horária excessiva (Não)	Concordo	6,26*	[1,29; 30,50]
Sintomas físicos	Gênero (Masculino)	Sim	3,58*	[1,25; 10,30]
Uso de substâncias	Humilhado por professores (Não)	Sim	1,87*	[1,04; 3,35]
Automedicação	Gênero (Masculino)	Feminino	1,82*	[1,03; 3,22]
	Humilhado por professores (Não)	Sim	2,16*	[1,16; 4,01]

Nota. * $p < 0,05$

Ainda no modelo final, os sintomas físicos mantiveram-se associados ao gênero. As mulheres estiveram mais inclinadas a sentirem dor de cabeça, dor de barriga e tonturas quando comparadas aos homens. Além disso, os estudantes que reportaram terem se sentido humilhados por professores tiveram maiores chances de usarem substâncias. Em relação à automedicação, as variáveis gênero e ser humilhado por professores permaneceram como preditoras. As mulheres e os participantes que afirmaram ser humilhados por docentes se mostraram mais propensos à automedicação.

Discussão

Foi demonstrado que nove em cada dez estudantes que participaram da pesquisa reportaram sentir sintomas físicos, tristeza e nervosismo ou ansiedade. Em relação aos aspectos psicológicos, os resultados foram superiores aos encontrados em outras investigações (Barbosa et al., 2020; Furegato et al., 2010; Leão et al., 2018; Mesquita et al., 2016; Morais & Mascarenhas, 2010; Vasconcelos et al., 2015). No que concerne às somatizações, os achados também diferem daqueles encontrados por Catharino et al. (2007) e por Lopes et al. (2015), que observaram taxas inferiores de cefaleia entre acadêmicos de Medicina. É possível inferir que esses altos índices podem ser ocasionados pelo ritmo da academia, a pressão social e o aumento das

responsabilidades, visto que, de acordo com Ariño e Bardagi (2018), fatores referentes à universidade são capazes de intensificar o adoecimento dos estudantes.

Quase um terço dos estudantes indicaram fazer uso de substâncias como álcool, tabaco ou outras drogas. Especificamente em relação ao tabaco, foram encontradas taxas similares no estudo de Souza et al. (2018). Por outro lado, houve divergências em relação às pesquisas de Silva et al. (2006), Dantas et al. (2017) e Araujo et al. (2018), cujas taxas encontradas foram inferiores. No que diz respeito ao uso de drogas ilícitas, existiram aproximações com os achados de Silva et al. (2006). Por sua vez, houve divergências em relação a Dantas et al. (2017) e Araujo et al. (2018) que encontraram índices inferiores. Para Silva et al. (2006), Dantas et al. (2017) e Araujo et al. (2018) o consumo de álcool foi verificado em mais da metade dos estudantes, índices superiores ao encontrado no presente estudo. Tal consumo pode interferir no contexto pessoal e prejudicar o desempenho acadêmico dos estudantes. O estudo de Antoniassi Júnior e Gaya (2015) informa que o uso abusivo de álcool por discentes traz consequências em vários âmbitos, como problemas na vida social, nas relações amorosas e prejuízos à saúde. Ainda em relação a esta pesquisa, no que se refere ao ambiente universitário, os alunos que consumiam álcool e outras drogas relataram que, ocasionalmente, exibiam comprometimento das atividades.

Os resultados da regressão logística mostraram que os estudantes que consideravam a carga horária excessiva têm seis vezes mais chances de sentirem tristeza e nervosismo ou ansiedade. Tal resultado é similar aos obtidos na investigação de Ferreira et al. (2009), onde foi demonstrado que os universitários de cursos com carga horária mais elevada apresentaram maiores índices de ansiedade. O excesso de horas dedicadas à universidade pode representar pouco tempo para atividades físicas e de lazer, variáveis que foram apontadas como protetoras ao risco de ansiedade e depressão nos graduandos (Bresolin et al., 2020; Leão et al., 2018). Também pode-se conjecturar que maior tempo dedicado ao estudo pode ser associado a menores horas de sono e, por consequência, piores níveis de saúde mental. Tal relação foi observada nos achados de Norbury e Evans (2018) em que o sono insatisfatório foi relacionado ao aumento da ansiedade em acadêmicos da Inglaterra.

A tristeza mostrou-se associada, ainda, à renda dos estudantes. Os discentes com renda familiar inferior a R\$ 1800,00 apresentam seis vezes mais chances de se sentirem tristes do que aqueles com uma situação econômica superior a esse montante. Resultados semelhantes foram encontrados na investigação de Furegato et al. (2010), em que os índices de depressão em estudantes de licenciatura em Enfermagem aumentavam conforme a renda decrescia. Em outros estudos com graduandos, porém, não foi demonstrada relação significativa entre renda e depressão (Flesch et al., 2020; Leão et al., 2018). Investigações não restritas ao público universitário apontaram que o índice de depressão aumentava com a diminuição da renda (Cunha, Bastos, & Duca, 2012; Santos & Kassouf, 2007). Elementos relacionados a uma maior vulnerabilidade socioeconômica como desemprego, baixa qualidade de moradia e alimentação inadequada podem desencadear um estado de desesperança e influenciar a capacidade de enfrentar situações estressoras, bem como reduzir a disposição para lidar com adversidades (Cunha et al., 2012). É possível inferir, portanto, que os estudantes universitários também podem estar sujeitos a tais processos.

Quando são consideradas as diferenças de gênero, as mulheres apresentaram uma probabilidade três vezes maior de sentir sintomas físicos, como dores de cabeça, dores de barriga e tontura, do que os homens. Resultados similares foram encontrados por Pereira et al. (2013), assim como por Catharino et al. (2007), para quem os achados indicaram que a cefaleia foi mais frequente entre as estudantes. Pode-se pressupor que as mulheres estão mais expostas, por exemplo, a sobrecarga de atividades domésticas, quando comparadas aos homens, o que pode repercutir em sua saúde física. Além disso, há o surgimento de sintomas físicos durante o período menstrual. Sá, Baptista, Matos e Lessa (2009) também apontam as alterações hormonais e a menor tolerância à dor como motivo para as diferenças entre o gênero masculino e feminino no quesito indicado acima.

Também há maior probabilidade de as mulheres praticarem a automedicação. Esse resultado se aproxima daqueles obtidos por Tomasini et al. (2015) e Santos et al. (2018). Em tais investigações, as estudantes também apresentaram taxas de automedicação significativamente maiores do que os alunos. As mulheres estão mais expostas à medicalização em todas as fases da vida (Aquino, Barros, & Silva, 2010; Silva

et al., 2013) por conta de frequentes questões de saúde como cólicas menstruais e enxaquecas (Moraes Alessandrini et al., 2020; Silva et al., 2013). Além disso, quando comparadas aos homens, as mulheres têm uma maior propensão em cuidar da saúde (Silva et al., 2013) e procuram por cuidados médicos com frequência superior (Aquino et al., 2010), fatores que podem favorecer a prática da automedicação.

Sentir-se humilhado por professores esteve associado ao uso de substâncias e à automedicação, entretanto são escassos os estudos brasileiros que relacionam a violência escolar a estas variáveis. Diversas pesquisas destacam um aumento da prevalência do uso de substâncias durante o período da universidade e atrelam isso à maior independência, morar longe dos pais e à ampliação da autonomia, visto que a experiência de morar sozinho ou com amigos proporciona ao universitário maior liberdade, o que propicia mudanças de hábitos e deixa os estudantes mais expostos ao uso de substâncias (Araujo et al., 2018; Gomes et al., 2019). Por outro lado, pode-se hipotetizar que os constrangimentos vivenciados pelos alunos desencadeiam angústias, medos e tensões; a prática da automedicação e o uso de substâncias são meios que os universitários utilizariam para enfrentar tais situações. À vista disso, a relação entre sofrer violência intrafamiliar e o uso de substâncias foi evidenciada em uma amostra de estudantes brasileiros do ensino básico (Mota et al., 2018; Terribele & Munhoz, 2021).

Considerações Finais

O estudo teve como objetivo compreender a repercussão do ambiente universitário para a saúde dos graduandos do campus de uma universidade pública, localizado no interior do nordeste brasileiro. Foi avaliada a presença de sintomas psíquicos (tristeza e nervosismo ou ansiedade) e físicos (dor de cabeça, dor de barriga e tonturas), bem o uso de substâncias e a prática da automedicação. No que diz respeito ao ambiente universitário, foram considerados as instalações, o curso e a relação com os pares e os professores. Além disso, observaram-se aspectos sociodemográficos como gênero, renda familiar, idade, bolsa/auxílio e área de conhecimento. Foram realizadas análises descritiva, bivariada e de regressão logística binária.

Os resultados mostraram uma alta prevalência de tristeza, de nervosismo ou ansiedade e tais variáveis estiveram relacionadas à carga horária excessiva. A tristeza também teve a renda como preditor. O gênero

esteve associado aos sintomas físicos, que estavam presentes em nove em cada 10 estudantes, e à automedicação, praticada por mais da metade dos discentes. Por fim, a variável sentir-se humilhado por professores esteve associada ao uso de substâncias e à automedicação.

Uma das limitações do estudo foi não determinar a frequência do uso de substâncias específicas, assim como a ausência de instrumentos padronizados que realizassem um rastreio de seu uso abusivo. Com relação à automedicação, o estudo também não fez um levantamento sobre quais remédios eram utilizados, de modo a avaliar sua relação específica com preditores socioeconômicos e do ambiente universitário. O maior detalhamento dos sintomas físicos poderia contribuir para diferenciá-los de reações psicossomáticas decorrentes de problemas psíquicos.

Pesquisas posteriores podem ser delineadas a partir dos achados desta investigação. A compreensão sobre a saúde mental dos discentes pode ser aprofundada partindo da forma como os cursos estão organizados, tendo em vista a quantidade de disciplinas por semestre, as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes, as demandas colocadas aos estudantes (avaliações, carga de leituras, quantidade de conteúdos etc.), dentre outras dimensões. Esse entendimento também pode ser aprofundado com base na análise sobre como os alunos lidam com essa estrutura, destacando, inclusive, as diferenças socioeconômicas entre eles.

Mostra-se relevante, ainda, promover discussões sobre as demandas de autocuidado entre os discentes a partir de um recorte de gênero que evidencie diferenças entre papéis sociais, demandas familiares etc. Também se mostra pertinente analisar, especificamente, o contexto das relações entre professores e alunos, considerando os eventos que precedem e que se seguem as humilhações perpetradas por docentes, a resposta de gestores e as políticas para evitar esse tipo de assédio. Também podem ser analisadas as reações dos estudantes diante do assédio, de modo a se ter mais subsídios acerca do entendimento de sua repercussão para o uso de substâncias e automedicação. Por fim, a pesquisa demonstra a necessidade do apoio psicopedagógico aos estudantes com o objetivo de minimizar o sofrimento vivido no processo de formação acadêmica.

Referências

- Agresti, A. (2018). *Statistical methods for the social sciences*. Boston, MA: Pearson
- Alves, T. D. A., & Malafaia, G. (2014). Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *Arquivos Brasileiros de Ciência da Saúde*, 39(3), 153-159. doi:10.7322/abcshs.v39i3.649
- Ansolin, A. G. A., Rocha, D. L. B., Santos, R. P., & Pozzo, V. C. D. (2015). Prevalência de transtorno mental Comum entre estudantes de psicologia e enfermagem. *Arquivos de Ciências da Saúde*, 22(3), 42-45. doi:10.17696/2318-3691.22.3.2015.83
- Antoniassi Júnior, G. A., & Gaya, C. M. (2015). Implicações do uso de álcool, tabaco e outras drogas na vida do universitário. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 28(1), 67-74. doi:10.5020/18061230.2015.p67
- Aquino, D. S. D., Barros, J. A. C. D., & Silva, M. D. P. D. (2010). A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(5), 2533-2538. doi:10.1590/S1413-81232010000500027
- Araujo, C., Vieira, C., & Mascarenhas, C. (2018). Prevalência do consumo de drogas lícitas e ilícitas por estudantes universitários. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição Em Português)*, 14(3), 144-150. doi:10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000342
- Ariño, D. O., & Bardagi, M. P. (2018). Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Psicologia em Pesquisa* 12(3), 44-52. doi:10.24879/2018001200300544
- Assis Trindade, B. P., Diniz, A. V., & Sá-Júnior, A. R. (2018). Uso de drogas entre estudantes universitários: uma perspectiva nacional. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília*, 7(1), 52-60. Recuperado de: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/8641/5721>
- Barbosa, L. N. F., Asfora, G. C. A., & Moura, M. C. (2020). Ansiedade e depressão e uso de substâncias psicoativas em jovens universitários. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas* 6(1), 1-8. doi:10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.155334
- Bresolin, J. Z., Dalmolin, G. L., Vasconcellos, S. J. L., Barlem, E. L. D., Andolhe, R., & Magnago, T. S. B. S. (2020). Sintomas depressivos em estudantes universitários da área da saúde. *Revista Latino-Americana*

de Enfermagem, 28, e3239. doi:10.1590/1518-8345.3210.3239

Carvalho, M. N., & Barros, J. A. C. (2013). Propagandas de medicamentos em revistas femininas. *Saúde em Debate*, 37(96), 76-83. doi:10.1590/S0103-11042013000100009

Catharino, A. M. S., Catharino, F. M. C., Alvarenga, R. M. P., & Fonseca, R. L. (2007). Cefaléia: Prevalência e relação com o desempenho escolar de estudantes de medicina. *Migrâneas Cefaléias*, 10(2), 46-50. Recuperado de: <http://docplayer.com.br/38691753-Cefaleia-prevalencia-e-relacao-com-o-desempenho-escolar-de-estudantes-de-medicina.html>

Coelho, M. T. Á. D., Santos, V. P., Carmo, M. B. B., Souza, A. C., & França, C. P. X. (2017). Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 6(1), 5-13. doi:10.17267/2317-3394rpds.v6il.1141

Costa, M., & Moreira, Y. B. (2016). Saúde mental no contexto universitário. *Blucher Design Proceedings*, 2(10), 73-79. doi:10.5151/despro-sed2016-009

Cunha, R. V. Bastos, G. A. N., & Duca, G. F. D. (2012). Prevalência de depressão e fatores associados em comunidade de baixa renda de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 15(2), 346-54. doi:10.1590/S1415-790X2012000200012

Dantas, L. R., Gomes, M. C., Lima, L. C. M. D., Cruz-da-Silva, B. R., Dantas, L. R., & Granville-Garcia, A. F. (2017). Use of psychoactive substances at least once in life among Brazilian university students at the beginning and end of courses and the associated factors. *Cadernos Saúde Coletiva*, 25(4), 468-474. doi:10.1590/1414-462x201700040091

Ferreira, C. L., Almondes, K. M., Braga, L. P., Mata, A. N. S., Lemos, C. A., & Maia, E. M. C. (2009). Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(3), 973-981. doi:10.1590/S1413-81232009000300033

Fiorotti, K. P., Rossoni, R. R., Borges, L. H., & Miranda, A. E. (2010). Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: Prevalência e fatores associados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(1), 17-23. doi:10.1590/S0047-20852010000100003

- Flesch, B. D., Houvèssou, G. M., Munhoz, T. N., & Fassa, A. G. (2020). Episódio depressivo maior entre universitários do Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 54(11), 1-11. doi:10.11606/s1518-8787.2020054001540
- Furegato, A. R. F., Santos, J. L. F., & Silva, E. C. S. (2010). Depressão entre estudantes de dois cursos de enfermagem: Autoavaliação da saúde e fatores associados. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(4), 509-516. doi:10.1590/S0034-71672010000400002
- Gomes, I. P., Pereira, R. A. D. C., Santos, B. F. D., Pinheiro, M. D. A., Alencar, C. H., & Cavalcanti, L. P. D. G. (2019). Fatores associados à manutenção do vício de fumar e do consumo de álcool entre acadêmicos de medicina em uma capital do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(1), 55-64. doi:10.1590/1981-52712015v43n1rb20180068
- Iuras, A., Marques, A. A. F., Garcia, L. D. F. R., Santiago, M. B., & Santana, L. K. L. (2016). Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). *Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial*, 57(2), 104-111. doi:10.1016/j.rpemd.2016.01.001
- Leão, A. M., Gomes, I. P., Ferreira, M. J. M., & Cavalcanti, L. P. G. (2018). Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(4), 55-65. doi:10.1590/1981-52712015v42n4RB20180092
- Lopes, D. C. P., Führer, F. M. E. C., & Aguiar, P. M. C. (2015). Cefaleia e qualidade de vida na graduação de medicina. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*, 19(2), 84-95. Recuperado de: <https://www.revneuropsiq.com.br/rbnp/article/view/45/76>
- Mesquita, A. M., Lemes, A. G., Carrijo, M. V. N., Moura, A. A. M., Couto, D. S., Rocha, E. M., & Volpato, R. J. (2016). Depressão entre estudantes de cursos da área da saúde de uma universidade em Mato Grosso. *Journal Health Núcleo de Pesquisa e Extensão em Política, Planejamento, Organização e Práticas (individual e coletiva) em Saúde*, 1(2), 218-230. Recuperado de:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/1433/1503>

- Montanari, C. M., de Souza, W. A., Vilela, D. O., Araújo, F. S., Podestá, M. H. M. C., & Ferreira, E. B. (2015). Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do Sul de Minas Gerais. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 8(4), 257-268. doi:10.18569/tempus.v8i4.1596
- Moraes Alessandrini, L., Paim, R. S. P., & Lunelli, R. P. (2020). Automedicação em acadêmicos de enfermagem: Prevalência e fatores associados. *Ciência & Desenvolvimento-Revista Eletrônica da FAINOR*, 13(1), 185-204. doi:10.11602/1984-4271.2020.13.1.11
- Morais, L. M., & Mascarenhas, S. (2010). Diagnóstico do estresse, ansiedade e depressão em universitários: Desafios para um serviço de orientação e promoção da saúde psicológica na universidade - Um estudo com estudantes da UFAM-Brasil. *Revista Amazônica*, 5(1), 55-76. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4028883>
- Mota, R. S., Gomes, N. P., Estrela, F. M., Silva, M. A., Santana, J. D., Campos, L. M., & Cordeiro, K. C. C. (2018). Prevalência e fatores associados à vivência de violência intrafamiliar por adolescentes escolares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(3), 1022-1029. doi: 10.1590/0034-7167-2016-0546.
- Norbury, R., & Evans, S. (2018). Time to think: Subjective sleep quality, trait anxiety and university start time. *Psychiatry Research*, 271, 1-24, doi:10.1016/j.psychres.2018.11.054
- Osse, C. M. C., & Costa, I. I. (2011). Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia*, 28(1), 115-122. doi:10.1590/S0103-166X2011000100012
- Pereira, M. G., Ferreira, G. & Paredes, A. C. (2013). Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental em universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 762-771. doi:10.1590/S0102-79722013000400017.
- Peres, M. F. T., Barreto, A. D. L., Babler, F., Quaresma, I. Y. V., Arakaki, J. N. L., & Eluf-Neto, J. (2014). Exposição à violência, qualidade de vida, depressão, e burnout entre estudantes de medicina. *Revista de Medicina*, 93(3), 115-124. doi:10.11606/issn.1679-9836.v93i3p115-124
- Sá, K., Baptista, A. F., Matos, M. A., & Lessa, I. (2009). Prevalência de dor crônica e fatores associados na

- população de Salvador, Bahia. *Revista de Saúde Pública*, 43(4), 622-630. doi: 10.1590/S0034-89102009005000032
- Santos, M. J., & Kassouf, A. N. (2007). Uma investigação dos determinantes socioeconômicos da depressão mental no Brasil com ênfase nos efeitos da educação. *Economia aplicada*, 11(5), 5-26. doi:10.1590/S1413-80502007000100001
- Santos, T. S., Almeida, M. M., Pessoa, E. V. M., Pessoa, N. M., Siqueira, H. D. S., Silva, J. M. N., ... & Pessoa, G. T. (2018). Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. *Scientia Plena*, 14(7), 1-9. doi:10.14808/sci.plena.2018.076501
- Silva, J. D., Gomes, A. L., Oliveira, J. D., Sasaki, Y. A., Maia, B. T. B., & Abreu, B. M. (2013). Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Revista Brasileira de Clínica Médica*, 11(1), 27-30. Recuperado de: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3385.pdf>
- Silva, L. V., Malbergier, A., Stempliuk, V. D. A., & Andrade, A. G. D. (2006). Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 280-288. doi:10.1590/S0034-89102006000200014
- Souza, A. B. A., Souza, A. M. R., Brandelero, E., Bacarin, F. C., & Hoffmann-Santos, H. D. (2018). Uso abusivo de substâncias psicoativas em estudantes universitários: Perfil epidemiológico e fatores associados. *Connection Line*, (19), 121-177. doi:10.18312/connectionline.v0i19.1200
- Tanaka, M. M., Furlan, L. L., Branco, L. M., & Valerio, N. I. (2016). Adaptação de alunos de medicina em anos iniciais da formação. *Revista Brasileira de Educação e Medicina*, 40(4), 663-668. doi:10.1590/1981-52712015v40n4e00692015
- Terribele, F. B. P., & Munhoz, T. N. (2021). Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015). *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(01), 241-254. doi: 10.1590/1413-81232020261.32272018.
- Tomasini, A. A., Ferraes, A. M. B., & Santos, J. S. (2015). Prevalência e fatores da automedicação entre

estudantes universitários no Norte do Paraná. *Biosaúde*, 17(1), 1-12. Recuperado de: http://www.uel.br/ccb/patologia/portal/pages/arquivos/Biosaude%20v%2017%202015/BS_v_17_2015_n1_DF_01.pdf

Vasconcelos, T. C., Dias, B. R. T., Andrade, L. R., Melo, G. F., Barbosa, L., & Souza, E. (2015). Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 39(1), 135-142. doi:10.1590/1981-52712015v39n1e00042014